

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i24.49391>

Tradução recebida em: 30/04/2023

Tradução aprovada em: 31/05/2023

Tradução publicada em: 26/06/2023

[TRADUÇÃO]

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA¹

mnemósine

Alain (Émile Chartier)

Tradução

Mariana Sbervelheri²

Resumo: Em 1923, a Livraria Stock publicou, em uma coleção de pequeno formato *Les Contemporains*, uma série de *Propos sur l'Esthétique* escritos durante os anos de 1921-1923 e extratos dos *Libres Propos* (*Journal d'Alain*). O monumental *Sistema de Belas Artes* composto por Alain através dos ensaios da guerra, acabava de ser publicado (1920) nas Edições da *Nouvelle Revue Française*. Em oposição ao *Sistema*, e por consequência introduzindo-a, esta pequena coleção de 35 *Propos*, reunidas quase ao acaso teve a virtude fulgurante de revelar aos leitores mais diversos uma grande e nova *Présence*. A tradução foi realizada por colegas em colaboração com o Grupo de Tradução do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. A proposta é a de traduzir regularmente obras de filosofia ainda inéditas em língua portuguesa e disponibilizá-las em periódicos de acesso livre.

Palavras-chave: Alain. Émile Chartier. Estética.

¹ Publicado originalmente na coleção *Les contemporains*, em 1923 organizada pela *Librairie Stock*.

² Graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: marisbervelheri@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3071214480323941>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4923-0160>.



VIII. MNEMÓSINE

397 Enquanto os antigos diziam que Mnemósine era a mãe das Musas, talvez não pensassem além dessa relação simples que subordina todos os trabalhos do espírito à inferior Memória. E essa ideia, por mais simples que se pareça, esclarecer-nos-ia ainda sobre as reais condições do saber, se tivéssemos o tempo para considerá-la. Certamente, a Memória é muito desprezada. E, sem dúvida, há apenas as belas metáforas para nos forçar a refletir sobre o que julgamos muito conhecido. Mas, sobre este texto, como nos velhos pergaminhos, descobri nele um outro. Pois os cânticos épicos, fonte de todas as artes faladas, são por si próprios *Memória*: toda narrativa envelhece ao mesmo tempo que os homens, perdendo, rapidamente, suas firmes linhas de juventude a menos que antes haja uma forma ritmada e bela. Seria preciso esquecer a guerra de Troia, ou mesmo cantá-la. A poesia foi esforço de memória e vitória de memória. Ainda hoje toda poesia é sobre coisas passadas, tal como o segundo texto. Mas a metáfora antiga nos oferece ainda mais para compreender, pois todas as artes se lembram. Não existe arquiteto que possa dizer: “vou esquecer o que os homens construíram”. O que ele inventaria seria bem feio; mas, melhor dizendo, se ele mantivesse sua promessa à risca, não inventaria nada. É porque o templo se recorda do templo e o ornamento se recorda do troféu, e a carruagem se recorda da carroça. Quem não imita, não inventa. Parece que a lembrança é estética por si só; e que um objeto é belo principalmente porque ele lembra nele um outro. De resto, toda festa é recordar e toda dança também; e o culto universal é culto do passado. A contemplação dessa perspectiva humana é certamente o próprio pensamento; qualquer outro objeto entedia e sem que se pense sequer no tédio, pois a ação imediatamente nos arrasta.

Não há nenhuma ideia nova. Este tema é conhecido e tão antigo quanto os homens. “Tudo está dito e chegamos tarde”; mas La Bruyère não permaneceu neste momento da ironia, ele se entregou ao prazer de pensar. Esta ideia de que tudo está dito não é deprimente, mas, ao invés disso, tonificada. O paradoxo humano é que tudo está dito e que nada é compreendido. Tudo está dito sobre à guerra, sobre às paixões. A Humanidade real se compõe dessas belas formas repletas de sentidos, que o culto as conserva. Mas é necessário tocá-las como se toca os sinos, pois a forma se fecha sempre sobre os sentidos, referindo-se somente através da beleza. Tal é o ponto de atenção. Se não acordarmos dessa maneira, não acordaremos de nada. Mas um Signo nos remete a um outro Signo. E nossos primeiros professores são as palavras, que são monumentos.



A coisa inumana não tem nada a dizer; daí este grande escândalo que as ciências não ensinam nada. Também não é por esta direção que se deve começar, mas toda criança começa felizmente a recitar aquilo que não pode compreender e quer compreender, ao pensar sempre além dela. É ainda, e não de outra forma, que o homem pode se ver ao espelho, digo o homem pensante, numa fábula, bem escondida, bem humana também, ou mesmo se ele apenas se encontra *Muse* na Música. Indo da forma ao conteúdo, ele reflete sem jamais se perder, retido por esta invencível forma, que ele não deseja mudar. Se os signos humanos fossem apagados da terra, todos os homens se perderiam no trabalho por falta de metáforas. E as primeiras danças e comédias iriam ao furor, sem lembrança alguma, enquanto que os pés não escavariam o caminho venerável, primeiro esboço do templo. Mas, assim que o dançarino se submetesse ao signo humano, teria uma nova leitura, e as Humanidades começariam a reflorescer.



REFERÊNCIAS

- ALAIN. *Propos sur l'esthétique*. 1ª edição. Paris: Les Presses Universitaires de France (PUF), 1949. Disponível em: <http://ark.bnf.fr/ark:/12148/cb37158481d>. Acesso em: 25 maio, 2021.
- ALAIN [Émile Chartier]; OLIVEIRA CHAIA, J.; ALVES TEIXEIRA, M.; LACOUR, P. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA: da metáfora. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 11, n. 22, p. 269-272, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v11i22.44425>.
- ALAIN [Émile Chartier]; GOULART, P. F.; ALVES TEIXEIRA, M.; BARCELOS MELO, S.; OLIVEIRA CHAIA, J.; MAGALHÃES ALVES, L. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA: Música. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 11, n. 23, p. 274-278, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v11i23.46240>.
- ALAIN [Émile Chartier]; TEIXEIRA, M. A.; FURTADO GOULART, P.; BARCELOS MELO, S.; OLIVEIRA CHAIA, J.; MAGALHÃES ALVES, L. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA: Marcel Proust. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 11, n. 23, p. 269-273, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v11i23.46239>.
- ALAIN [Émile Chartier]; BARCELOS MELO, S.; ALVES TEIXEIRA, M.; FURTADO GOULART, P.; OLIVEIRA CHAIA, J.; MAGALHÃES ALVES, L. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA: o Papa. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 11, n. 23, p. 264-268, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v11i23.46235>.
- LACOUR, P.; MATOS LIMA MELO, F.; OLIVEIRA CHAIA, J.; MENDES SBERVELHERI, M.; ALVES TEIXEIRA, M.; SANTOS DOS PRAZERES, R. A Noção de Objeto, de Alain (Émile Chartier). *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 9, n. 2, p. 181-192, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/rfmc.v9i2.41822>.
- LACOUR, P.; OLIVEIRA CHAIA, J.; MENDES SBERVELHERI, M.; ALVES TEIXEIRA, M.; SANTOS DOS PRAZERES, R. O Culto da Razão como Fundamento da República, de Alain (Émile Chartier). *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 9, n. 3, p. 373-380, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/rfmc.v9i3.41746>.
- LACOUR, P.; OLIVEIRA CHAIA, J.; ALVES TEIXEIRA, M.; FURTADO GOULART, P.; SANTOS DOS PRAZERES, R. “Livro da Sabedoria Laica – Materiais para uma Doutrina Laica da Sabedoria” de Alain (Émile Chartier): o Valor Moral da Alegria segundo Espinosa. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 10, n. 1, p. 539-545, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/rfmc.v10i1.45444>.

